

COVID-19

BOLETIM MATINAL

FACULDADE DE MEDICINA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



**FACULDADE
DE MEDICINA**
• UFMG •

U F *m* G

Nº 597
14 de Janeiro



Agora estamos nas redes sociais!

Siga-nos para atualizações diárias em qualquer lugar

Não esqueça de deixar seu feedback e compartilhar com os amigos!



Twitter

@ufmgboletimcov2



Instagram

@ufmgboletimcovid



Telegram

t.me/ufmgboletimcovid

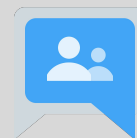


Toque nos ícones



Facebook

Página ufmgbolletimcovid



Google Groups

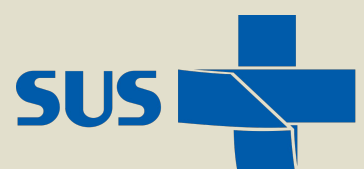
<https://bit.ly/UFMGBoletimCovid>

Disclaimer: este conteúdo é produzido por alunos da Universidade Federal de Minas Gerais sob orientação de professores da instituição. Não deve ser utilizado como recomendação. Esta publicação é de domínio público. É proibido o seu uso comercial.



FACULDADE
DE MEDICINA
• UFMG •

U F *m* G



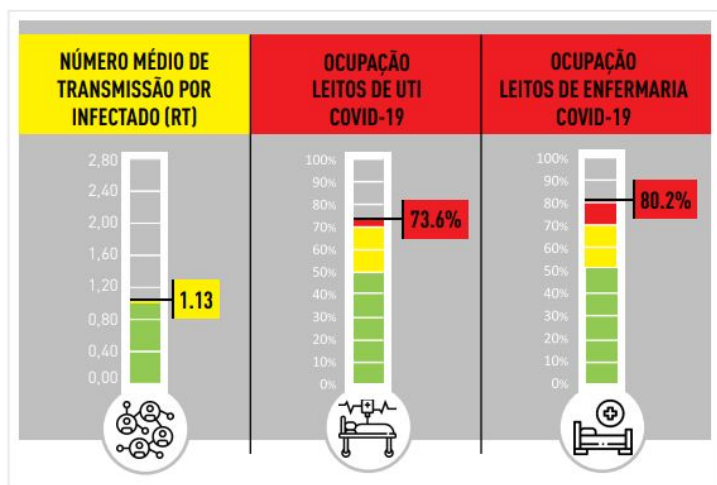
DESTAQUES DA EDIÇÃO

- N° de casos confirmados no Brasil: 2.311.318 (13/01/2022)
- Editorial: A geração COVID: como a pandemia está afetando o cérebro das crianças?
- Artigos: Hesitação persistente às vacinas SARS-CoV-2 entre profissionais de saúde no Reino Unido: análise de dados do estudo de coorte longitudinal UK-REACH | Eficácia da vacina BNT162b2 contra a Covid-19 grave em adolescentes | Duração da proteção contra adoecimento leve e grave por Vacinas contra Covid-19
- Notícias: Covid: quando uma pessoa com ômicron deixa de ser contagiosa, com ou sem sintomas | Associação alerta para falta de testes de covid-19 no Brasil | Ômicron não é bem-vinda, diz OMS após fala de Bolsonaro | Por que Trump agora defende vacinação contra Covid? | Covid: província do Canadá vai cobrar 'imposto de saúde' de não vacinados | EUA advertem que quase todos terão Covid-19 em algum momento | O ódio orquestrado em protestos de negacionistas na Alemanha

Destaque da PBH

- N° de casos confirmados: 302.990 | 1.293 novos casos (24h) (13/01)¹
- N° de óbitos confirmados: 7.126 | 5 novo óbito (24h) (13/01)¹
- N° de recuperados: 289.326 (13/01)¹
- N° de casos em acompanhamento: 6.538 (13/01)¹
- NÍVEL DE ALERTA GERAL: **VERMELHO**

Link¹: <https://bit.ly/3zWh68t>

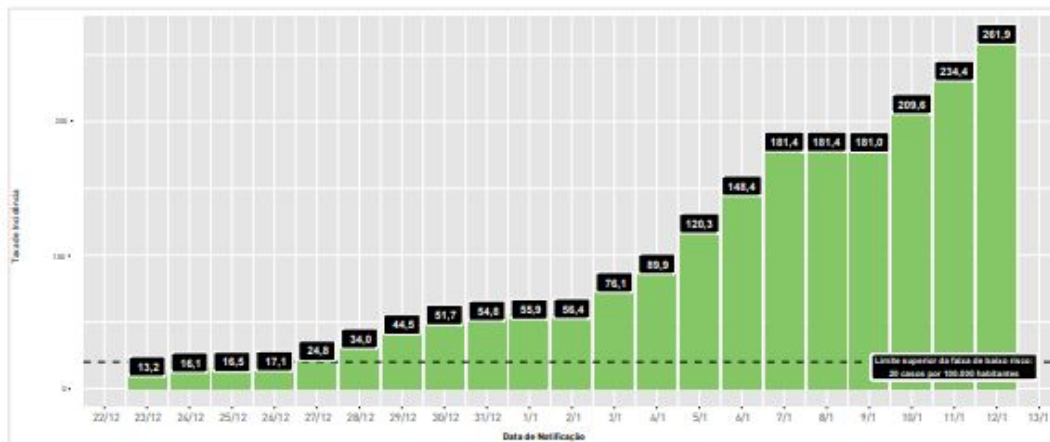


*Refere-se à ocupação dos leitos destinados ao tratamento de COVID-19 da Rede SUS e da Rede Suplementar de Saúde de BH.
Fonte: PBH - atualizado em 13/1/2022.

LEITOS DE UTI - Dia 12/1				
Rede		UTI Total	UTI COVID	UTI não COVID
SUS	N° de leitos	935	104	831
	Taxa de ocupação	88,8%	88,5%	88,8%
Suplementar	N° de leitos	715	112	603
	Taxa de ocupação	74,1%	59,8%	76,8%
SUS + Suplementar	N° de leitos	1.650	216	1.434
	Taxa de ocupação	82,4%	73,6%	83,8%

LEITOS DE ENFERMARIAS - Dia 12/1				
Rede		Enfermaria Total	Enfermaria COVID	Enfermaria não COVID
SUS	N° de leitos	4.558	365	4.193
	Taxa de ocupação	83,9%	92,6%	83,2%
Suplementar	N° de leitos	2.853	275	2.578
	Taxa de ocupação	76,6%	63,6%	78,0%
SUS + Suplementar	N° de leitos	7.411	640	6.771
	Taxa de ocupação	81,1%	80,2%	81,2%

GRÁFICO 2 Incidência de COVID-19, acumulada nos últimos 14 dias, por 100.000 habitantes. Dados observados até o dia 12/1/2022.



Destaques da SES-MG

- N° de casos confirmados: 2.311.318 (13/01)²
- N° de casos novos (24h): 15.785 (13/01)²
- N° de casos em acompanhamento: 81.844 (13/01)²
- N° de recuperados: 2.172.706 (13/01)²
- N° de óbitos confirmados: 56.768 (13/01)²
- N° de óbitos (24h): 13 (13/01)²

Link²: <https://bit.ly/3Fqy2oV>

Destaques do CONASS

- N° de casos confirmados: 22.814.917 (13/01)³
- N° de casos novos (24h): 97.986 (13/01)³
- N° de óbitos confirmados: 620.545 (13/01)³
- N° de óbitos (24h): 174 (13/01)³

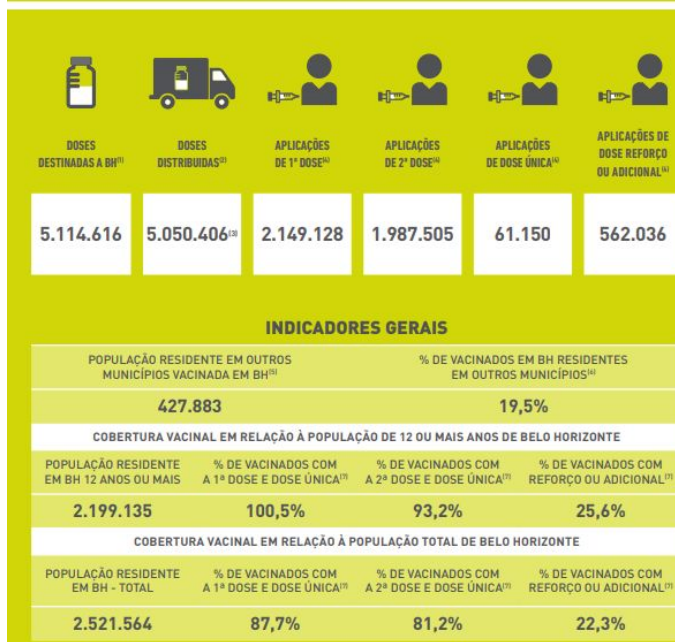
Link³: <https://bit.ly/3FCbt1n>

Destaques do Mundo

- N° de casos confirmados: 319.042.646 (13/01)⁴
- N° de óbitos confirmados: 5.518.767 (13/01)⁴

Link⁴: <https://bit.ly/3pEht3Z>

INDICADORES DE IMUNIZAÇÃO - COVID-19 - 7/1



Editorial:

The COVID generation: how is the pandemic affecting kids' brains?

A geração COVID: como a pandemia está afetando o cérebro das crianças?

Como muitos pediatras, Dani Dumitriu se preparou para o impacto do coronavírus SARS-CoV-2 quando surgiu pela primeira vez em suas enfermarias. Ela ficou aliviada quando a maioria dos bebês recém-nascidos em seu hospital que foram expostos à Covid-19 pareciam estar bem. O conhecimento dos efeitos do zika e de outros vírus que podem causar defeitos congênitos significava que os médicos estavam atentos aos problemas. Mas indícios de uma tendência mais sutil e insidiosa seguiram logo atrás. Dumitriu e sua equipe do NewYork–Presbyterian Morgan Stanley Children’s Hospital, tinham mais de dois anos de dados sobre o desenvolvimento infantil – desde o final de 2017, eles analisavam a comunicação e as habilidades motoras de bebês de até seis meses de idade. Dumitriu achou interessante comparar os resultados de bebês nascidos antes e durante a pandemia. Foi quando ela e sua equipe descobriram que os bebês nascidos durante a pandemia pontuaram mais baixo, em média, nos testes de motricidade grossa, motora fina e habilidades de comunicação em comparação com os nascidos antes (ambos os grupos foram avaliados por seus pais usando um questionário estabelecido). Não importava se seus pais biológicos estavam infectados com o vírus ou não; parecia haver algo sobre o ambiente da própria pandemia.

Embora as crianças geralmente tenham se saído bem quando infectadas com SARS-CoV-2, pesquisas preliminares sugerem que o estresse relacionado à pandemia durante a gravidez pode afetar negativamente o desenvolvimento do cérebro fetal em algumas crianças. Além disso, pais e cuidadores exaustos podem estar interagindo de maneira diferente com seus filhos pequenos de maneiras que podem afetar as habilidades físicas e mentais de uma criança. Os bloqueios – que foram cruciais para controlar a disseminação do coronavírus – isolaram muitas famílias jovens, roubando-lhes o tempo de brincadeira e as interações sociais. Estressados, muitos cuidadores também não foram capazes de fornecer o tempo individual que bebês e crianças pequenas precisam. Alguns bebês nascidos nos últimos dois anos podem apresentar atrasos no desenvolvimento, enquanto outros podem ter prosperado, se os cuidadores estivessem em casa por longos períodos e houvesse mais oportunidades para os irmãos interagirem. Tal como acontece com muitos aspectos da saúde durante a pandemia, as disparidades sociais e econômicas têm um papel claro em quem é mais afetado. Dados iniciais sugerem que o uso de máscaras não afetou negativamente o desenvolvimento emocional das crianças. Mas o estresse pré-natal pode contribuir para algumas mudanças na conectividade cerebral.

Alguns pesquisadores propõem que muitas das crianças que ficam para trás no desenvolvimento serão capazes de recuperar o atraso sem efeitos duradouros. “Não espero que descubramos que há uma geração que foi prejudicada por essa pandemia”, diz Moriah Thomason, psicólogo infantil e adolescente da Escola de Medicina Grossman da Universidade de Nova York.

No laboratório Advanced Baby Imaging Lab da Brown University em Providence, Sean Deoni, um biofísico médico, e seus colegas usam ressonância magnética (MRI) e outras técnicas para estudar como os fatores ambientais moldam o desenvolvimento do cérebro em bebês. Na pandemia, ao pedir que seus pesquisadores comparassem as médias e variações anuais das pontuações de desenvolvimento neurológico dos bebês, eles descobriram que as pontuações foram muito piores do que as dos anos anteriores. Os bebês nascidos na pandemia pontuaram quase dois desvios padrão abaixo daqueles nascidos antes dela em um conjunto de testes que medem o desenvolvimento de forma semelhante aos testes de QI. Eles também descobriram que bebês de famílias de baixa renda experimentaram as maiores quedas, que os meninos foram mais afetados do que as meninas e que as habilidades motoras grossas foram as mais afetadas. Deoni também observou que quanto mais a pandemia continua, mais déficits as crianças acumulam. “A magnitude é enorme”, diz Deoni sobre as descobertas, que agora estão sob revisão no JAMA Pediatrics.

Deoni suspeita que os problemas decorrem da falta de interações entre humanos. Em uma pesquisa de acompanhamento que ainda não foi publicada, ele e sua equipe registraram interações entre pais e filhos em casa, descobrindo que o número de palavras ditas pelos pais aos filhos e vice-versa nos últimos dois anos foi menor do que em anos anteriores. Ele também suspeita que bebês e crianças pequenas não estão tendo tanta prática motora grossa como de costume porque não estão brincando regularmente com outras crianças ou indo a playgrounds. “E o lamentável é que essas habilidades lançam as bases para todas as outras habilidades”, diz ele.

Outra pesquisa recente apóia a idéia de que a falta de interações entre colegas pode estar atrapalhando algumas crianças. Em um estudo publicado no início deste ano, pesquisadores do Reino Unido entrevistaram 189 pais de crianças com idades entre 8 meses e 3 anos, perguntando se seus filhos foram à creche ou frequentaram a pré-escola durante a pandemia e avaliaram as habilidades de linguagem e funcionamento executivo. Os autores descobriram que as habilidades das crianças eram mais fortes se tivessem recebido atendimento em grupo durante a pandemia e que esses benefícios eram mais pronunciados entre crianças de origens de baixa renda.

Além disso, as crianças que frequentaram a escola ou outros ambientes de grupo durante a pandemia normalmente interagem com outras que usavam máscaras faciais. Uma questão importante é se as máscaras, que obscurecem partes do rosto importantes para expressar emoções e fala, também podem estar afetando o desenvolvimento emocional e da linguagem das crianças. Pesquisadores nos Estados Unidos, entretanto, descobriram que, embora as máscaras faciais tornassem mais difícil para as crianças em idade escolar perceber as emoções dos adultos – tão difícil quanto quando os adultos usavam óculos de sol – as crianças ainda eram, na maioria das vezes, capazes de fazer inferências precisas. “Há muitas outras pistas que as crianças podem usar para analisar como outras pessoas estão se sentindo, como expressões vocais e corporais, contexto”, diz a autora do estudo Ashley Ruba, pós-doutoranda da Universidade de Wisconsin-Madison.

Outros pesquisadores estão ansiosos para saber se a pandemia pode estar afetando o desenvolvimento das crianças antes de elas nascerem. Catherine Lebel, psicóloga que dirige o Laboratório de Neuroimagem do Desenvolvimento da Universidade de Calgary, no Canadá, e seus colegas entrevistaram mais de 8.000 grávidas durante a pandemia. Quase metade relatou sintomas de ansiedade, enquanto um terço apresentou sintomas de depressão – uma porcentagem muito maior do que nos anos pré-pandemia. Como esse estresse afetou os bebês no útero? Para descobrir, os pesquisadores usaram imagens de ressonância magnética para escanear os cérebros de 75 dos bebês 3 meses após o nascimento. Em uma pré-impressão publicada em outubro, eles relataram que bebês nascidos de pessoas que reportaram mais sofrimento pré-natal – mais sintomas de ansiedade ou depressão – mostraram diferentes conexões estruturais em uma região do cérebro envolvida no processamento emocional e seu córtex pré-frontal, uma área responsável para habilidades de funcionamento executivo.

Em um pequeno estudo anterior, Lebel e sua equipe fizeram a ligação entre depressão pré-natal e diferenças de conectividade cerebral nessas mesmas áreas, e sugeriram que em meninos, essas alterações cerebrais se correlacionavam a comportamento agressivo e hiperativo na idade pré-escolar. Outras equipes descobriram que mudanças na conectividade entre essas áreas em adultos são fatores de risco para depressão e ansiedade. “Essas são as áreas envolvidas no processamento de emoções e em muitos comportamentos diferentes”, diz Lebel.

No geral, os pesquisadores afirmam que a maioria das crianças provavelmente ficará bem – mas, mais do que o normal podem estar lutando atualmente. E, se queremos apoiar aqueles que estão ficando para trás, idealmente devemos intervir logo. “As crianças são certamente muito resilientes”, diz Deoni. “Mas, ao mesmo tempo, também reconhecemos a importância dos primeiros 1.000 dias de vida de uma criança como no desenvolvimento de fundamentos iniciais cruciais.” Os primeiros bebês pandêmicos, nascidos em março de 2020, têm, neste momento, mais de 650 dias.

As crianças “são um produto de seu ambiente”, diz Deoni. “Quanto mais pudermos estimular, brincar com elas, ler para elas e amá-las, é isso que irão levar.”

Link: <https://go.nature.com/3reUo7M>

Destaques do Brasil:

Covid: quando uma pessoa com Ômicron deixa de ser contagiosa, com ou sem sintomas

Muitos países estão vivendo um aumento drástico dos casos de Covid-19 devido ao surgimento da variante Ômicron. Entretanto, as taxas de hospitalização e óbito pela doença não aumentaram no mesmo ritmo, em função da vacinação em massa feita durante a segunda metade de 2022. Assim, países estão revisando suas regulamentações acerca do manejo da Covid-19. Inicialmente, é importante ressaltar que ainda existem poucos estudos sobre a nova variante, mas já é possível entender alguns aspectos da sua virulência e patogenicidade. A respeito do período de incubação, encontrou-se que a Ômicron possui tempo de 2 a 3 dias, que é menor do que as variantes anteriores.

Além disso, o tempo mínimo de isolamento é de sete dias desde que não haja mais febre ou sintomas da doença nas 24 horas finais desse período, sem a utilização de antitérmicos. Entretanto, segundo a diretriz do Ministério da Saúde, aqueles com teste PCR ou de antígenos negativo no quinto dia, sem manifestação de sintomas gripais, poderão sair do isolamento antes do final do prazo de uma semana. Caso esse exame saia com resultado positivo, é necessário estender o isolamento para 10 dias após o primeiro resultado positivo.

Por fim, foram feitos estudos da apresentação de sintomas mediante infecção pela variante Ômicron e, de início, destaca-se que, apesar de não ser possível afirmar, não foi observado aumento na carga viral comparativa entre sintomáticos e não sintomáticos. Dessa maneira, caso o sujeito esteja assintomático, o isolamento deve ser de 10 dias após resultado de exame constatando Covid-19. Ademais, a presença ou não de sintomas não interfere na capacidade do indivíduo de poder transmitir a doença para outros, ainda mais visto que as pessoas assintomáticas costumam não adotar as medidas de isolamento, o que aumenta a chance de disseminação do vírus.

Link: <https://bbc.in/3qnP0ji>

Associação alerta para falta de testes de Covid-19 no Brasil

Foi expressivo o aumento na demanda por testes rápidos de Covid-19 e influenza, o que resultou em risco de desabastecimento de insumos, situação destacada pela Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica (Abramed). Assim, a organização sugeriu que pacientes graves sejam priorizados para a realização dos exames, de forma a atender aqueles mais vulneráveis. A Abramed reconhece a importância da testagem e que ela deveria ser uma ferramenta de fácil e abundante acesso, mas se mostra apreensiva com a possível falta desses insumos.

Link: <https://bit.ly/3qnHi8N>

Ômicron não é bem-vinda, diz OMS após fala de Bolsonaro

Recentemente, Jair Bolsonaro declarou “boas vindas” à variante Ômicron ao minimizar seus impactos, variante essa que vem gerando preocupação e medo nos brasileiros e na comunidade científica. Em vista dessa declaração adversa, Michael Ryan, diretor-executivo na OMS, se posicionou contra a declaração do presidente do Brasil, reafirmando que não se trata de uma doença leve e que seu controle só está sendo feito em função da vacinação e do isolamento social. Além disso, o presidente também disse um absurdo ao falar da Ômicron como um “vírus vacinal”, capaz de funcionar como uma “vacina natural”, por seu caráter erroneamente associado a pouco risco infeccioso. Por fim, o chefe de Estado voltou a questionar a eficácia das vacinas e os riscos dos efeitos colaterais gerados por elas, mais uma vez disseminando desinformação científica para o povo brasileiro.

Link: <https://bit.ly/3FrBWh4>

Destaques do Mundo:

Por que Trump agora defende vacinação contra covid?

Nos Estados Unidos, os republicanos, grupo político a que Donald Trump pertence, são um dos grupos sociais mais resistentes à vacinação. Durante seu governo em 2020, o ex-presidente americano adotou uma postura negacionista em relação à vacinação e à pandemia como um todo, o que fortaleceu grupos antivacina que se identificavam com o seu posicionamento. Entretanto, no final de Dezembro de 2021 e no início de 2022 Trump fez uma série de declarações públicas se colocando a favor da imunização e recomendando-as para seus eleitores.

Nesse contexto, analistas políticos questionam o porquê dessa mudança súbita e radical de postura. Alguns associam ao desejo de suavizar sua imagem e ganhar apoio para as eleições de 2024, outros relacionam ao desejo de reivindicar os méritos pela produção das vacinas nos EUA ao reforçar as pesquisas por imunizantes feitas durante seu governo, e por fim, alguns associam ao risco que sua base eleitoral vive, já que aqueles não vacinados tem muito mais chance de vir a óbito por conta da Covid-19. Vale destacar que o movimento antivacina entre os Trumpistas é tão forte, que após discorrer sobre a importância da vacinação, o ex-presidente foi vaiado e gerou revolta em seguidores mais fanáticos.

Link: <https://bbc.in/33979c5>

Covid: província do Canadá vai cobrar 'imposto de saúde' de não vacinados

Quebec foi a província canadense que mais registrou mortes por Covid-19 e enfrenta atualmente um aumento nas infecções. Nesse contexto, o primeiro-ministro, François Legault anunciou que passará a ser cobrada uma multa de valor significativo daqueles que não forem vacinados contra a Covid-19, medida que foi defendida como uma questão de justiça para os 90% da população que já se vacinou. Além disso, a província vai exigir comprovantes de vacinação para compras em lojas de maconha e bebidas alcoólicas, além de ter determinado um toque de recolher para reduzir a circulação de pessoas na rua. Vale destacar que apesar da porcentagem relativamente pequena dos habitantes da cidade não vacinada, ela representa metade de todos os casos hospitalizados pela doença.

Link: <https://bbc.in/3rdf4Nj>

EUA advertem que quase todos terão Covid-19 em algum momento

Anthony Fauci, epidemiologista do governo americano afirma que mais cedo ou mais tarde quase todas as pessoas vão contrair Covid-19, mas que a manifestação será mais branda em função dos esquemas de vacinação que estão sendo feitos. Nesse sentido, o cientista afirma que o SARS-CoV-2 não pode ser erradicado, mas é passível de controle por intermédio das vacinas. Além disso, Fauci também dá um panorama geral do comportamento da variante Ômicron, que não possui taxas de hospitalização e óbito tão altas quanto as variantes antecessoras, mas já é a forma dominante do vírus no mundo e existe a suspeita de que a Ômicron seja capaz de “escapar da imunidade” ao ser transmitida mesmo entre indivíduos vacinados ou que tiveram a doença há pouco tempo.

Link: <https://bit.ly/3I5KzzY>

O ódio orquestrado em protestos de negacionistas na Alemanha

Milhares de pessoas saíram às ruas da Alemanha protestando contra as medidas de contenção do coronavírus, essas manifestações de autodenominam “Spaziergänger” e exigem, de forma agressiva, o fim das medidas restritivas contra a Covid-19 e vão contra uma possível obrigatoriedade de vacinação. Entre as principais cidades sede dessas movimentações, tem-se Freiberg, no leste da Alemanha, que conta com encontros semanais clandestinos para protestar contra as medidas de saúde feitas para proteger a população. Vale destacar que o estado da Saxônia conta com altas taxas de infecção, então existem leis para conter o vírus, entre elas define-se que no máximo 10 pessoas podem se reunir simultaneamente.

Por fim, esse grupo aponta a imprensa como grande inimiga, junto com servidores públicos e cientistas que estão combatendo a pandemia. Essa postura gerou uma contra-reação dos cidadãos de Freiburg que são a favor das medidas protetivas contra a Covid-19 e se colocam contrários aos grupos de extrema-direita, eles relataram enfrentar agressiva repressão dos Spaziergänger e receio em continuar morando na região.

Link: <https://bit.ly/3rjf0eW>

Indicações de Artigos

Persistent hesitancy for SARS-CoV-2 vaccines among healthcare workers in the United Kingdom: analysis of longitudinal data from the UK-REACH cohort study

Hesitação persistente às vacinas SARS-CoV-2 entre profissionais de saúde no Reino Unido: análise de dados do estudo de coorte longitudinal UK-REACH

Os profissionais de saúde no Reino Unido foram priorizados na agenda de vacinação contra SARS-CoV-2, no programa de reforço em andamento. Entretanto, uma considerável porcentagem dos profissionais de saúde que participaram do estudo UK-REACH hesitaram em receber uma vacina entre 4 de dezembro de 2020 e 28 de fevereiro de 2021.

E para aumentar a confiança e a aceitação da vacina para a primeira, segunda e dose de reforço é importante entender porque alguns profissionais de saúde são hesitantes. Isto é particularmente crítico, dado o anúncio de que a vacinação será um requisito obrigatório para o Reino Unido na primavera de 2022, o que deixa um tempo limitado para incentivar os profissionais de saúde a aceitar a vacinação voluntariamente, diminuindo assim os potenciais efeitos deletérios da vacinação obrigatória sobre o moral e a força de trabalho do pessoal da saúde.

No estudo foi observado que a hesitação à vacina foi mais provável entre certos grupos étnicos minoritários e foi associada a uma menor confiança no emprego de organizações de saúde. Os profissionais de saúde que hesitaram também relataram preocupações sobre a segurança da vacina e os efeitos colaterais, especialmente dada a velocidade de desenvolvimento e implantação de vacinas e expressaram o desejo de adiar a vacinação até mais pessoas serem vacinadas. Como o programa de vacinas progrediu, essas preocupações poderiam diminuir. No entanto, os dados mais recentes do NHS (Sistema Nacional de Saúde Inglês) mostram que cerca de 15% dos profissionais de saúde em algumas áreas permanecem não vacinados.

Foi demonstrado também que ter membros da família contra a vacinação aumenta o risco de hesitação persistente à vacinação contra Covid-19. O que destaca a importância de não apenas direcionar intervenções para melhorar a aceitação da vacina entre os profissionais de saúde, mas também trabalhar para compartilhar mensagens em suas comunidades sobre os riscos e benefícios das vacinas. Além disso, os resultados desse estudo indicam que qualquer mensagem projetada para melhorar a aceitação da vacina, e dirigida aos profissionais de saúde, deve enfatizar a sua importância para proteção desses profissionais, suas famílias e seus pacientes.

Link: <https://bit.ly/3rdOMe2>

Effectiveness of BNT162b2 Vaccine against Critical Covid-19 in Adolescents

Eficácia da vacina BNT162b2 (Pfizer) contra a Covid-19 grave em adolescentes

A crescente incidência de internações pediátricas associadas à Covid-19 causada pela variante B.1.617.2 (delta) da síndrome respiratória aguda grave nos Estados Unidos ofereceu uma oportunidade para avaliar a eficácia da vacina de RNA em adolescentes entre 12 e 18 anos de idade.

No estudo, observou-se que a eficácia da vacina BNT162b2 (Pfizer) contra a internação por Covid-19 foi de 94% (IC 95%, 90 a 96); a eficácia da vacina foi de 98% (IC 95%, 93 a 99) contra Covid-19 exigindo cuidados na UTI e 98% (IC 95%, 92 a 100) contra Covid-19 requerendo suporte de vida. No subgrupo de análises, a eficácia de duas doses da vacina contra Covid-19 para prevenir hospitalização foi semelhante em várias faixas etárias: 95% (IC 95%, 88 a 97) entre 251 casos de pacientes entre 12 e 15 anos e 94% (IC 95%, 88 a 97) entre 193 casos de pacientes entre 16 e 18 anos de idade. A eficácia da vacinação parcial foi 97% (IC 95%, 86 a 100).

Apesar da elegibilidade para a vacinação contra Covid-19, 96% dos pacientes que foram hospitalizados com Covid-19 e 99% dos que receberam suporte de vida não foram totalmente vacinados. Percebeu-se também que a vacinação com duas doses da vacina de mRNA BNT162b2 reduziu o risco de hospitalização por Covid-19 em 94% nos adolescentes entre 12 e 18 anos de idade nos Estados Unidos. A vacinação evitou também quase todos os casos de Covid-19 que exigiam suporte de vida e que tinham maior risco de morte. Nesse estudo, dos 13 pacientes que receberam oxigenação por membrana extracorpórea e 7 que morreram, todos não foram vacinados.

Por fim, a proteção vacinal pode diferir em adolescentes com condições médicas subjacentes, que estão super-representados em ambientes hospitalizados e são frequentemente excluídos dos ensaios clínicos. Mas apesar dessas diferenças nas características dos pacientes e da alta prevalência de condições médicas subjacentes (incluindo obesidade) no presente estudo, foi observado que a vacinação foi associada com uma redução geral de 94% do risco de Covid-19, sem efeitos colaterais graves associados ao seu uso.

Link: <https://bit.ly/3qqz9Rj>

Duration of Protection against Mild and Severe Disease by Covid-19 Vaccines

Duração da proteção contra adoecimento leve e Graves por Vacinas contra Covid-19

Vacinas contra o adoecimento leve e contra quadros graves como a síndrome respiratória aguda grave causada pelo SARS-CoV-2, são usados desde dezembro de 2020 no Reino Unido. E dados mundiais mostraram que as vacinas são altamente eficazes na prevenção de sintomas leves da Covid-19 e contra doenças graves e mortes relacionadas. No entanto, já é de conhecimento que a eficácia do imunizante pode diminuir com o tempo desde o recebimento da segunda dose.

No presente estudo, evidenciou-se que a eficácia da vacina contra os sintomas da Covid-19 com a variante delta atingiu um pico nas primeiras semanas após o recebimento da segunda dose e, em seguida, diminuiu em 20 semanas a 44,3% (intervalo de confiança de 95%, 43,2 a 45,4) com a vacina ChAdOx1-S (AstraZeneca) e para 66,3% (IC 95%, 65,7 a 66,9) com a vacina BNT162b2 (Pfizer).

E a redução na imunidade provocada pela vacina foi maior em pessoas com 65 anos de idade ou mais do que naquelas com 40 a 64 anos de idade. Em 20 semanas ou mais após a vacinação, a eficácia da vacina diminuiu menos contra hospitalizações, para 80,0% (IC 95%, 76,8 a 82,7) com a vacina ChAdOx1-S e 91,7% (IC 95%, 90,2 a 93,0) com a vacina BNT162b2, e a eficácia para óbitos reduziu para 84,8% (IC 95%, 76,2 a 90,3) e 91,9% (IC 95%, 88,5 a 94,3), respectivamente. O maior declínio na eficácia da vacina contra hospitalizações foi observada em pessoas com 65 anos de idade ou mais e no grupo de pessoas de 40 a 64 anos de idade com condições médicas subjacentes do que em adultos saudáveis.

Assim, o que se observou foi um declínio limitado na eficácia da vacina contra a Covid-19 no que diz respeito a hospitalização e óbito em 20 semanas ou mais após a vacinação com duas doses da vacina ChAdOx1-S (AstraZeneca) ou da BNT162b2 (Pfizer), sendo que o declínio foi maior em idosos e naqueles nos quais já havia alguma doença de base que ampliava o risco.

Link: <https://bit.ly/3I1kL7R>

Disclaimer: Esta publicação é de domínio público. É proibido o seu uso comercial.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - FACULDADE DE MEDICINA

Produção

Ana Cláudia Froes
Andrei Pinheiro Moura
Beatriz Chaves Coelho Vieira
Bianca Curi Kobal
Caio Miguel dos Santos Lima
Caio Tavares Aoki
Daniel Belo Pimenta
Douglas Henrique Pereira Damasceno
Fernanda Julia Silva Wiik Amaral
Fernando Carvalho Pimenta Figueiredo
Gabriel Mendes Diniz do Couto
Gabriel Neves de Azevedo
Germano Luis Marinho
Henrique Moreira de Freitas
Iara Paiva Oliveira
Igor Carley
Jean Felipe Cortizas Boldori
Larissa Bastos Milhorato
Lauanda Carvalho de Oliveira
Letícia Costa da Silva
Letícia Campos Galvão
Marina Lirio Resende Cerqueira
Mariana Luchesi Faria de Melo Campos
Maykon José da Costa Souza
Murilo de Godoy Augusto Luiz
Paul Rodrigo Santi Chambi
Rafaela Teixeira Marques
Rodrigo de Almeida Freimann
Violeta Pereira Braga

Divulgação

Bruna Ambrozim Ventorim
João Gabriel Malheiros Andrade de Carvalho
Matheus Gomes Salgado
Rafael Valério Gonçalves

Coordenação Acadêmica

Bruno Campos Santos – Médico
Vitória Andrade Palmeira – DAAB
Gabriel Rocha – DAAB
Profa. Maria do Carmo Barros de Melo -
Pediatra

Editor

Prof. Unaí Tupinambás - Infectologista

Coordenadores de Conteúdo

Profa. Maria do Carmo Barros de Melo -
Pediatra
Prof. Unaí Tupinambás - Infectologista
Prof. Mateus Rodrigues Westin – Infectologista
Profa. Lilian Martins Oliveira Diniz - Pediatra
Profa. Priscila Menezes Ferri Liu – Pediatra
Dr. Shinfay Maximilian Liu – Patologista Clínico

Contato:

boletimcovid@medicina.ufmg.br



**FACULDADE
DE MEDICINA**
• UFMG •

U F *m* G

